

Minhas primeiras palavras são de homenagem à família do Presidente Juscelino, especialmente D. Sarah. Não são pelo sofrimento multiplicado com que suportam este transe terrível. Principalmente pelo que fizeram pelo Presidente, ao longo de sua existência, como fontes cristalinas de amor, confiança e solidariedade, para que ele pudesse cumprir seu destino de glória. Se mais não fizeram, com renovado amor e solidariedade, foi porque esse mesmo destino o levou antes do tempo.

Depois do muito que se tem escrito e falado, com tanta emoção e beleza, sobre Juscelino Kubitschek de Oliveira, sinto-me intimidado nesta tribuna. Se penso em dizer da sua dimensão de estadista, vejo-me retrospectivamente no banco do ginásio, a redigir uma composição sobre o Sol. Sai a primeira frase:

— É um astro em torno do qual giramos, ainda que não tenhamos consciência disso.

Eis Juscelino. Mas, para desenvolver o tema, é impossível não repetir o que outros disseram de sua obra ciclópica, de sua visão do futuro, de sua pertinácia, de sua confiança, de seu otimismo, de sua humanidade, de sua devoção à grandeza do Brasil e à liberdade e felicidade do nosso povo.

E agora ficou muito claro, para todos, que os brasileiros esbanjados não souberam, com ele, cimentar a concórdia nacional. Resta a esperança de que saibam, sem ele, aprender a lição da sua vida e da sua morte. É confortador, a este respeito, verificar que o Brasil já se vai curando de

sua mudez. É preciso que da surdez também se cure.

Com todo o risco de ter assunto demais — equivalente ao de ter assunto de menos — cumpre atender ao nosso Presidente Vivaldi Moreira, que certamente não quis convocar um mero repetidor, ao intimar um ex-Chefe da Casa Civil de Juscelino para dizer algumas palavras sobre seu antigo Chefe e, desde então, mais que chefe, o amigo dedicado e atencioso, a gracedido aos mínimos préstimos, como se não fosse ele, até morrer, o constante benfeitor.

Renuncio assim à pretensão de retratar o homem público que, além de realizar uma obra tida por impossível nas circunstâncias em que a empreendeu, soube conciliá-la, no contexto *desenvolvimento e liberdade*, com seu empenho ininterrupto, dia a dia, pelo conagraçamento do nosso povo, não o do silêncio submisso, mas o do alarido sadio que sobe das consciências que prezam sua identidade.

Para sua própria sucessão, estimulou iniciativas que visavam alargar o consenso nacional, como as candidaturas Juracy Magalhães e Carvalho Pinto, aquela torpedeada logo no seio dos maiores partidos, e esta paralisada por compromisso já assumido pelo destinatário da fórmula. Pelo nome paulista se havia inclinado o Governador Bias Fortes, inclusive porque, sem ao menos uma tentativa no Estado de São Paulo, dificilmente se poderia pedir votos, ali, para outro candidato. E este episódio me lembra uma das muitas lições de *savoir faire*, que Juscelino prodigalizava até sem se aperceber. É que fora sugerida, na área do PSD, a candidatura de Tancredo Neves, amigo e correligionário, por quem tinha o Presidente, até o fim, o maior apreço e respeito.

— É preciso — disse ele — que seja coordenada pelo Bías. Em Minas, ninguém voa para o Catete por cima do Palácio da Liberdade.

Mesmo para candidatura não mineira (no sentido político), era Minas a grande base governista. Quando, algum tempo depois, jovens pessedistas do Congresso se impacientavam para se lançar, quanto antes, o General Teixeira Lott — o que envolvia a alternativa de tomarem eles a dianteira — o Presidente me disse:

— Toma um avião e vai contar essa conversa ao Bías. Seria bom que ele pudesse vir ao Rio.

Dessa viagem do Governador é que se concretizou a candidatura Lott. Se o eminente líder militar venceria ou não, e em que condições, esta é outra história. Sô lembro o episódio para pôr em relevo um traço marcante no político Juscelino: o sentido da oportunidade, que raramente lhe faltou. Mesmo agora, quando se repete que ele deixou passar o momento de aderir à revolução de março de 1964, é difícil prever-se de que lado apontará a bússola da história: para o fêretro carregado nos ombros do povo, ou para o cortejo oficial que o conduzisse?

Tais são as minhas limitações em falar, neste momento, do estadista — especialmente nesta Casa, a que ele me incorporou, pleiteando e obtendo o apoio dos ilustres acadêmicos — que prefiro recordar mais umas poucas lições que dele recebi, em longa proximidade, já de suas observações e conselhos, já de seu exemplo. Era um ser múltiplo, inquieto e rebelde ao marasmo, mas subjugado e restaurado em sua unidade pela convicção, que eu diria mística, do grandioso papel a que o predestinara a Divindade, a cujo regaço recolheu-se a

alma de D. Júlia, para melhor velar pela trajetória do filho. Foi ele próprio quem disse, num dos fluxos de sua provação dos últimos anos, que a mãe, já perto de cerrar os olhos, lhe pedia para não ficar triste. Depois que ela se fosse, é que mais poderia fazer por ele.

E este homem de tamanha estatura era no entanto humilde. Ao assumir minhas funções na Casa Civil, indaguei das instruções que me daria.

— Nenhuma — disse ele. Sô um conselho. Seja humilde, porque seu cargo é importante. Eu mesmo, aqui na Presidência, suporto impertinências que nunca admitiria como prefeito de Diamantina.

Presenciei essa paciência quase infinita, quando o vi negociar no Catete com estudantes, alguns apenas adolescentes, a quem ele se dirigia em tom paternal, e cuja exaltação e intransigência eram fustigadas pela notícia de haver morrido um colega em Goiãs, em choque com a polícia.

— Graças a Deus — exclamou ele, quando afinal se esclareceu que o ferimento não era grave. Não carregarei a lembrança de um estudante morto em tais circunstâncias.

Assim era a rica personalidade do Presidente Juscelino. Nela conviviam o sentimento da autoridade, que a Presidência impunha, e a simplicidade que trouxera do burgo natal; a vontade férrea, beirando a obstinação, e a disposição de voltar atrás em seus erros, já que — e o dizia frequentemente — não tinha compromisso com o erro. A seriedade, a diligência e a minúcia, ante as borrascas que sua premonição captava de longe, entremeavam-se com o riso fácil e comunicativo das

horas despreocupadas. O senso da História, em que já se via emoldurado, não tolhia sua ternura gratuita, para com toda gente, como a das crianças. Assim superficialmente contraditório, não o foi no essencial. E o essencial para ele era a grandeza política e a grandeza humana, que encheram com seu nome um luminoso capítulo na epopéia deste país.

Nenhuma arrogância ostentava no trato com as pessoas, mas sô gostava de pensar coisas grandiosas, como se expressou junto às obras da ponte Brasil-Paraguai, ante o comentário de que ali se estava construindo o maior vão de concreto armado do mundo.

As estradas Brasília-Belém e Brasília-Rio Branco são dois exemplos do que significava para ele pensar em escala de posteridade. E que falar de Brasília, inseparável da sua glória pelo nascimento da criatura e pela morte do criador! De Jacques Lambert, o celebrado jurista e sociólogo francês, ouvi esta sentença, quando admirava a cidade do alto da Rodoviária:

— Todo povo, em sua maturidade, para se afirmar perante si mesmo, anseia por uma política de grandeza. Brasília, com tudo quanto representa, é a política de grandeza do Brasil.

Nem todos pensavam assim. Ainda hoje, nem todos pensam. Mas é bem certo que no futuro todos pensarão.

Se alguns problemas do país ficaram marginalizados em seu governo, é porque não haveria tempo, nem recursos, para tudo.

Veja-se a reforma administrativa. Ao mandar ao Congresso o notável trabalho das comissões que Simões Lopes superintendia, confidenciou-me o Presidente que não poderia prejudicar as metas do seu governo para dar prioridade àquele setor. Mas os frutos daquele consciencioso estudo — que notabilizava seus autores — viriam a seu tempo.

Nesta mesma linha de reflexão, lembro-me de haver ouvido do Senador Moura Andrade, no avião presidencial, uma exposição sobre a necessidade do Presidente reformar e criar instituições jurídicas. Elas carregam mais tempo o renome do homem de Estado do que as obras materiais — rematava o eloquente parlamentar.

Fui à cabine do Presidente, para ele continuar o diálogo.

— Não digo que o Auro não tenha razão, foi a resposta. Mas governar é fazer opções. Nossa primeira prioridade é pôr o Brasil no caminho do desenvolvimento, e de modo irreversível. Depois, tudo será mais fácil.

Já me vejo de novo a tratar do estadista, reproduzindo o óbvio, tão forte é a atração da sua imagem, como aquelas gigantescas efígies de homens públicos norte-americanos que foram talhadas na montanha de granito. O raio que sobre elas desça, fulminante, só fará aumentar com seu clarão o recorte dos traços eternos.

Mas a pessoa humana que foi a matéria prima dessa legenda, com os defeitos e as virtudes que fazem o homem comum, era por igual credor de admiração, simpatia, amizade e reconhecimento, como testemunham todos os que se aproximaram de-

le, ocasional ou duradouramente. E a sabedoria de vida que sua experiência acumulou, captada por uma inteligência mais lèpida que seus músculos de andarilho e conservada pela memória fidelíssima, seria um precioso manual de prática política, se fosse compendiada.

É sabido que os políticos não gostam de escrever episódios ou conversas de que participam, para que as versões, quando necessário, possam adaptar-se às circunstâncias e aos interlocutores. E como fazem para gravar a versão verdadeira? Surpreendi uma exclamação reveladora do Presidente Juscelino, quando certa vez tibubeou quanto a pormenores de uma narrativa política.

— Diabo! Preciso contar isso mais vezes para não me esquecer!

De outra feita, quando me admirei de sua tolerância por estar ouvindo pela terceira vez, como se fosse a primeira, o relato de um episódio político de mediana importância, ele redarguiu:

— É bom para conferir os detalhes.

Isso fazia muito sentido com outras perguntas suas, quando, vez por outra, eu lhe narrava alguma conversa muito sucintamente:

— Você seria capaz de repetir as palavras que ele disse?

Era um outro processo de conferir detalhes. E foi

muito eficiente em certa oportunidade, quando eu havia concluído, de conversas telefônicas com o Vice-Presidente João Goulart e com o Governador Leonel Brizola, que eles concordavam com a nomeação, desde logo, do Deputado Josué de Castro para o Ministério da Agricultura. Ao repetir ao Presidente, com a fidelidade que me foi possível, os dois diálogos, ele concluiu:

— Eles não querem, nem agora, nem mais tarde.

E muito tempo depois alguém me contou que ouvira do Vice-Presidente esta explicação:

— Quem queria nomear o Josué não era o Juscelino, mas o Victor Nunes.

Quanto a notas escritas, logo que fui para a Casa Civil, achei que devia usar essa via, para facilitar a comunicação com o Presidente, no tumulto do expediente palaciano.

— Porque Você me manda esses bilhetes? — perguntou ele.

Logo os suspendi, é claro, mas sem compreender as razões. Passadas algumas semanas, chegou carta de um Governador, fazendo respeitosa queixa política. O Presidente leu-a e comentou:

— Isso foi escrito para ser publicado, quando oportuno. Peça ao Cristiano Martins para minutar a resposta. Assim, teremos também o que publicar.

Ficara esclarecido o mistério. Para um bom político

Federal para a Chefia da Casa Civil, que Álvaro Lins deixaria em breve para ser nosso embaixador em Lisboa. Respondi que me sentia muito honrado, mas receava não estar preparado para o cargo, inclusive por falta de vivência política.

— Nunca diga isso ao Presidente — retrucou Álvaro. Ele não aprecia as pessoas que se julgam incapazes. Ele não sabe teologia, nem latim, mas, se for eleito Papa, achará que pode ser o maior dos sucessores de São Pedro.

Foi esta a última lembrança que me ocorreu do Presidente Juscelino, associada à angústia do nosso tempo, quando não há sinais à vista para pôr termo ao desentendimento, a cada dia mais sangrento, que se apóssa do mundo. E com todo o respeito, até com unção, peço vênica à família do Presidente para esta paráfrase do terno poema de Manoel Bandeira:

Imagino Juscelino entrando no céu.

— Licença, meu santo!

E São Pedro, bonachão:

— Entra, Juscelino.

Nosso Senhor mandou te chamar.

Ele está muito preocupado

e triste.

(03.09.76)